AS CONTRIBUIÇÕES DA LINGUÍSTICA APLICADA (LA) E DA ANÁLISE DIALÓGICA DO DISCURSO (ADD) PARA A LEITURA DO TEXTO COMO UM ENUNCIADO CONCRETO

THE CONTRIBUTIONS OF APPLIED LINGUISTICS (AL) AND DIALOGICAL DISCOURSE ANALYSIS (DDA) TO THE READING OF THE TEXT AS A CONCRETE UTTERANCE

Marcos Roberto dos Santos Amaral[1]
[ORCID: https://orcid.org/0000-0001-8130-4580]
Elayne Gonçalves Silva[2]
[ORCID: https://orcid.org/0000-0002-5348-4999]
João Batista Costa Gonçalves[3]
[ORCID: http://orcid.org/0000-0002-4386-8809]
DOI: https://doi.org/10.30612/raido.v14i36.11436

RESUMO: Este artigo objetiva apontar as contribuições da área de estudos da Linguística Aplicada (LA) e do quadro teórico-metodológico da Análise Dialógica do Discurso (ADD) para a análise do texto como enunciado concreto, instaurando a sala de aula como um espaço dialógico para a realização de debates públicos entre os alunos e os professores, num contexto imediato, e entre a comunidade extraescolar, num contexto mais amplo. Para tanto, o estudo se fundamenta na Linguística Aplicada e na Análise Dialógica do Discurso, baseando-se, em especial, na noção bakhtiniana de enunciado concreto, para realizar um exercício de leitura dialógica das lutas sociais em torno da prática discursiva das *fake news*. Como parâmetros metodológicos, destacamos a descrição das condições sócio-históricas de surgimento do material investigado, a análise da materialidade linguístico-discursiva do enunciado em foco e o exame das relações dialógicas que essa enunciação estabelece. Com a pesquisa, observamos a importância de se atentar para os elementos extralinguísticos no estudo do texto. Também percebemos que uma abordagem dialógica das *fake news* pode contribuir para a prática de ensino de língua portuguesa, fundada na assunção de uma atitude ética e responsiva diante dos problemas sociais nos quais a linguagem em uso se destaca como fator central.

Palavras-Chave: Fake news; enunciado concreto; Linguística Aplicada; Análise Dialógica do Discurso; escola.

1 Universidade Estadual do Ceará; Fortaleza; Doutorando pelo Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará (PosLA/UECE) e professor da Secretaria da Educação do Estado do Ceará (SEDUC); E-mail: roberto.amaral@aluno.uece.br.

2 Universidade Estadual do Ceará; Fortaleza; Doutoranda pelo Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará (PosLA/UECE); E-mail: elayne.goncalves@aluno.uece.br.

3 Universidade Estadual do Ceará; Fortaleza; Doutor em Linguística pelo Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará (PPGL/UFC) e professor do Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará (PosLA/UECE); E-mail: joao.goncalves@uece.br

CC BY NC SA

ABSTRACT: This article aims to point out the contributions of the study area of Applied Linguistics (AL) and the theoretical-methodological frame of Dialogical Discourse Analysis (DDA) to the analysis of text as a concrete utterance, establishing the school as a dialogical space for the conduction of public debates between the students and the teachers, in an immediate context, and among the out-of-school community, in a broader context. For this purppose, the study is grounded on Applied Linguistics and Dialogical Discourse Analysis, based, especially, on the Bakhtinian notion of concrete utterance, in order to perform an exercise of dialogical reading of the social struggle towards the discursive practice of fake news. As methodological parameters, we highlight the description of the socio-historical conditions of appearance of the investigated material, the analysis of its linguistic-discursive materiality and the exam of the dialogical relations that this utterance establishes. With the research, we noticed the importance of paying attention to the extralinguistic elements in the study of the text. We also perceived that a dialogical approach of the fake news might contribute to the practice of Portuguese language teaching, founded on the assumption of an ethical and responsive attitude in front of the social problems in which language in use stands out as a central factor.

Keywords: Fake news; concrete utterance; Applied Linguistics; Dialogical Discourse Analysis; school.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Historicamente, a Linguística Aplicada (LA) tem passado por uma série de transformações (MOITA LOPES, 2011) ou por um conjunto de desaprendizagens (FABRÍCIO, 2006). Na contemporaneidade, a referida área de estudos se vê na necessidade de reinventar a si mesma e aos seus modos de fazer pesquisa, buscando dar conta de investigar fenômenos variados e complexos da vida social nos quais a prática do uso concreto da linguagem desempenha um papel nuclear (MOITA LOPES, 2011).

Consoante elucida Fabrício (2006), transformações céleres de ordem social, cultural, política e econômica na trajetória dos indivíduos em suas interações, causadas, por sua vez, pela globalização, conduziram a LA a revisar suas bases epistemológicas. Ainda a esse respeito, cumpre lembrar que as práticas discursivas, sobretudo na atualidade, marcam-se por um processo de hiperssemiotização (MOITA LOPES, 2011) ou de multissemiotização; isto é, compõem-se da articulação entre uma pluralidade de planos semióticos sobrepostos, de cujo assédio não podemos escapar a nos inscrevermos e a sermos inscritos, nas diversas interações sociais. Em vista disso, a linguagem, em suas várias manifestações semióticas - ou seja, os signos verbais, visuais, sonoros e a interrelação entre eles -, destaca-se como um objeto de estudo relevante para o entendimento do mundo social. Combinados, os fatores enumerados - mudanças sociais, culturais, políticas e econômicas no contexto da globalização; processo de hiperssemiotização/multissemiotização e centralidade da linguagem para o entendimento do mundo social – colocam a pesquisa em LA diante de desafios, de rupturas com paradigmas e de novas possibilidades de produzir conhecimentos.

Nesse contexto, este artigo tem o propósito de apontar as contribuições do campo de estudos da linguagem da Linguística Aplicada (doravante LA) e do quadro

Raído, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 14 | n. 36 | p. 355 – 377 | set/dez 2020

teórico-metodológico da Análise Dialógica do Discurso (doravante ADD) para o estudo do texto como um enunciado concreto.[4] Mais especificamente, propomos realizar uma leitura de um exemplar de *fake news* ancorada na teoria bakhtiniana. Um exercício dialógico de leitura pode, por sua vez, abrir caminhos para que a sala de aula se torne um espaço propício para a realização de debates públicos entre os alunos, os professores e a comunidade extraescolar; uma vez que a ADD e a LA se interessam pela linguagem em uso, enquanto prática social constituída multissemioticamente, e assumem a ideia de que o linguista não pode figurar como neutro diante dos problemas sociais. Nesse sentido, em razão de a LA e a ADD comungarem um propósito comum, buscamos expor as contribuições que a ADD pode trazer para o ensino de leitura. Daí explorarmos as intersecções entre a LA e a ADD, numa, por assim dizer, LA Dialógica, em que se leva em conta uma prática pautada em princípios como a assunção de uma atitude responsiva diante dos problemas do mundo social globalizado e a adoção de uma postura ética na formação cidadã. Afinal, a ADD, enquanto ato comprometido com a emancipação do outro, refratado em formas discursivas que respondem concretamente a tensos diálogos dos quais os sujeitos participam na sociedade, pode nos ajudar no tratamento de questões sociais na escola.

Por motivos de organização, o presente estudo está estruturado em três seções, além desta primeira – em que são apresentadas suas observações introdutórias – e da última – na qual são expostas suas considerações finais. Na segunda seção, discutimos acerca da LA, observando algumas das mudanças pelas quais o referido campo passou, desde sua origem, bem como as características das investigações contemporâneas na área em foco. Na terceira, ocupamo-nos da ADD e, sobretudo, da noção bakhtiniana de enunciado concreto,[5] apresentando, ainda, os pontos de convergência entre a LA e a ADD. Na quarta, à luz da LA e da ADD, realizamos uma análise dialógica de um exemplar de *fake news*, entendido como um enunciado concreto, e, além disso, defendemos a pertinência de levar essa discussão para o ambiente escolar.

1 . OS CAMINHOS DA LINGUÍSTICA APLICADA (LA): ORIGENS, DESAPRENDIZAGENS E REINVENÇÕES NA PRÁTICA DA PESQUISA

Como ensina Moita Lopes (2011), a LA surgiu na década de 1940, tendo como foco o desenvolvimento de materiais para o ensino de línguas, no contexto da Segunda Guerra Mundial, vindo a apresentar sua Associação Internacional (a AILA) em 1964. Ainda nos anos de 1960, a referida área se ramificou em duas "frentes" investigativas: uma centrada no ensino e na aprendizagem de línguas estrangeiras e outra focada em questões atinentes à tradução. Dizendo de outro modo, em seus primórdios, a LA consistia na aplicação da linguística: as teorias linguísticas eram aplicadas na descrição

4 Machado (1996) publicou um artigo seminal sobre a concepção de texto da ADD, intitulado Texto como enunciação: a abordagem de Mikhail Bakhtin. Gonçalves e Amaral (2017), dialogando com o trabalho de Machado (1996), desenvolvem a noção de texto como enunciado concreto.

5 Como esclarecem Brait e Melo (2012), no pensamento do Círculo bakhtiniano, enunciado, enunciado concreto e enunciação são noções que não se apartam, recobrindo o mesmo acontecimento único e irrepetível da vida concreta do discurso. Por essa razão, no espaço desse artigo, alternamos indistintamente entre o uso dos três termos.

de línguas e no ensino de línguas, sobretudo, estrangeiras; algo bem diferente do que ocorre hoje, com a ampliação dos problemas que a LA se propõe a investigar, na medida em que, atualmente, ela reconhece a necessidade ética de discutir questões de usos da linguagem em relação com causas sociais, como, por exemplo, o empoderamento de grupos marginalizados.

Ainda segundo Moita Lopes (2011), a distinção efetiva entre linguística e LA ocorreu apenas no final da década de 1970, com os trabalhos de Widdowson, de Pit Corder e de Davies, cujas discussões culminaram na compreensão de que o exame da complexidade dos processos envolvidos no ensino e na aprendizagem das línguas demandava a integração entre diferentes áreas do conhecimento. Nesse quadro, os anos de 1980 já abriam o caminho, portanto, para a orientação interdisciplinar que viria a caracterizar a pesquisa em LA (MOITA LOPES, 2011).

Conforme as discussões da LA foram se desenvolvendo, seu escopo se ampliou, visando à "resolução de problemas de uso da linguagem tanto no contexto da escola quanto fora dele" (MOITA LOPES, 1996, p. 19). Assim, ao lado das investigações sobre o ensino e a aprendizagem de línguas estrangeiras no âmbito escolar e sobre os problemas da tradução, encontra-se uma linguística aplicada indisciplinar (MOITA LOPES, 2006a; 2006b), transgressiva (PENNYCOOK, 2006) e como espaço da desaprendizagem (FABRÍCIO, 2006).

De acordo com Moita Lopes (1996), rever seus paradigmas é um procedimento peculiar da produção científica; isto é, problematizar os percursos de investigação com base nos quais se opera na atividade desse meio. Essa operação revisionista, para a LA, é uma maneira de refinar o *modus operandi* produtivo nos limites de sua pesquisa, sobremaneira, quando se pensa em uma LA que percorre as sendas de preocupações das ciências sociais e da filosofia; e que focaliza a ação humana concreta. Nesses termos, o referido campo de investigação se ocupa, consequentemente, da linguagem como processo – ou seja, concentra-se na perspectiva do uso e do usuário da linguagem-, requerendo reformulação teórica constante (MOITA LOPES, 1996).

As rupturas sofridas pela LA ficam mais claras se pensarmos acerca dos paradigmas que orientavam a pesquisa na área em foco. Como destaca Moita Lopes (1996, p. 21), a LA "operou a princípio exclusivamente com métodos de pesquisa de natureza positivista[6]", os quais guiavam as ciências naturais. Como a LA estabelecia uma relação de dependência com a linguística, convém perceber que os princípios que norteavam o projeto científico da linguística – tais como a busca pela descrição objetiva e precisa dos fenômenos linguísticos e a adoção de uma postura de neutralidade por parte do cientista – influenciaram bastante a LA. Desse modo, visando ser reconhecida como "uma ciência para ninguém botar defeito", para citar as palavras de Rajagopalan (2006, p. 153), a linguística optava por não tocar em questões de ordem ética e por não contemplar o social, uma vez que a ciência, segundo a cartilha positivista, deveria lidar com fatos, no lugar de valores.

6 "O positivismo acarreta um certo apego ao estudo das frequências, das distribuições e das tendências manifestadas pelos fenômenos observáveis, seguida por uma descrição em termos nomológicos, das relações entre os fenômenos" (CAMERON et al., 1992, p. 3 apud RAJAGOPALAN, 2003a, p. 124).

Raído, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 14 | n. 36 | p. 355 – 377 | set/dez 2020

Apesar de ser, de início, orientada pelo positivismo, a LA precisou se repensar para compreender os problemas sociais do mundo contemporâneo. O desenvolvimento da pesquisa em LA, nesse sentido, contribui para tentativas de apontar soluções para problemas de uso da linguagem na sociedade, bem como divulga suas preocupações e imperativos epistemológicos. Com isso, segundo Moita Lopes (1996), os métodos de base positivista perderam espaço, enquanto os métodos de base interpretativista se sobressaíram, em vista do interesse da área na resolução de questões práticas.

As investigações contemporâneas em LA se caracterizam por conceber a linguagem como uma prática social. Consoante argumenta Rajagopalan (2003a), uma vez que as atividades de pesquisa em LA também são organizadas por meio da linguagem, a neutralidade do cientista - herança positivista - torna-se insustentável, em razão de que "não há como sair da linguagem para contemplá-la como se nada tivesse a ver com ela" (RAJAGOPALAN, 2003a, p. 127). Por consequência, as posições socioideológicas do pesquisador são inescapavelmente transpostas para o seu trabalho, e uma parcela da pesquisa em LA – que, em seus primórdios, pretendia exclusivamente descrever línguas – assume a função de intervir na prática social (MOITA LOPES, 2006b; RAJAGOPALAN, 2003a).

Assim, de acordo com Moita Lopes (1998), a LA parte de problemas com os quais as pessoas se deparam ao usar a linguagem nas práticas sociais correntes. Trata-se, portanto, de uma pesquisa de natureza aplicada, não no sentido de replicação de procedimentos, mas de imersão em situações concretas, devido a sua preocupação com ocorrências de aplicação de uso da linguagem em contextos específicos (MOITA LOPES, 1996). Essa área busca, ainda, suporte teórico "INdisciplinar" (MOITA LOPES, 1998): a integração de ideias de campos diferentes como forma de pensamento crítico. Sob esse viés, o autor explica que a secularização (negação do padrão logocêntrico) do conhecimento implica uma territorialidade em desagregação (busca por novas perspectivas teóricas e analíticas), que reclama uma reorganização das estruturas acadêmicas, em consonância com as demandas das grandes causas sociais (MOITA LOPES, 1998). Os modelos consagrados de fazer científico, então, são postos ao seu limite crítico, para se abrir espaço em face da complexidade das relações sociais contemporâneas.

A esse respeito, também é conveniente lembrar que a trajetória dos indivíduos, no período contemporâneo, pode ser caracterizada pela desestabilização, pelo descontrole, pela destradicionalização e, em suma, por transformações, em face das mudanças sociais, culturais, políticas e econômicas, no contexto do mundo globalizado (FABRÍCIO, 2006). Soma-se a esses fatores, conforme aponta Moita Lopes (2006a), a sofisticação da tecnoinformação, que resulta na circulação de múltiplos discursos e no contato com alteridades inimaginadas. Dada a complexidade de nosso mundo social, a LA, para ser uma ciência, de fato, responsiva aos problemas sociais contemporâneos nos quais a linguagem emerge como elemento fundamental, precisa, portanto, reinventar-se.

Ademais, para Moita Lopes (2006a), a ética se sobressai como um dos pilares sobre os quais as investigações em ciências sociais e humanas devem se basear. Essa ética, por sua vez, está associada a duas outras questões: i) a pertinência da transformação/da reinvenção do sujeito da LA e ii) o ideal de emancipação social da referida área de conhecimento. Conforme também explica Moita Lopes (2006a, p. 101), a ciência moderna se apoiava numa concepção de "sujeito homogêneo e essencializado como

branco, homem, heterossexual de classe média [...]", concepção essa que tem sido alvo de sucessivas problematizações nos estudos feministas, *queer*, antirracistas, pós-coloniais e pós-modernistas. Assim como ocorre com as investigações citadas, as violências históricas sofridas por determinados grupos sociais também são questões caras a pesquisas fundamentadas na ADD. Dentre essas pesquisas, podemos citar os trabalhos de Alves (2017), de Freire (2015), de Guedes (2015), de Santos (2018) e de Silva (2018).

Na visão de Moita Lopes (2006a), urge reposicionar o sujeito da LA, com a finalidade de dar a devida atenção às chamadas "vozes do Sul", expressão empregada para designar sujeitos e grupos de sujeitos excluídos e marginalizados, em função de sua classe, de seu gênero, de sua raça, etc. A proposta de mudança do sujeito da LA é acompanhada pelo ideal de emancipação, uma vez que "não se trata de levar a verdade/conhecimento a esses grupos, mas de construir a compreensão da vida social com eles em suas perspectivas e vozes, sem hierarquizá-los" (MOITA LOPES, 2006a, pp. 95-96).

Em suma, o princípio ético está associado à responsabilidade social do pesquisador da LA e ao seu compromisso com uma produção de conhecimento fundamentada na exclusão de significados que acentuem as desigualdades, buscando, com isso, dirimir o sofrimento humano (MOITA LOPES, 2006a). Sob essa orientação, consoante sintetiza Gee (1993, p. 293 apud MOITA LOPES, 2006a, p. 103), "temos a obrigação ética de explicar [...] qualquer prática social em que haja razão para acreditar que ela nos dá vantagens, ou ao nosso grupo, em detrimento de outros".

Dessa forma, os estudos em LA já são tomados, eles mesmos, como uma atividade de caráter social e engajado, não estando apartados dos problemas políticos, de modo que se deve pensar que a organização dos momentos da pesquisa – como escolha de fundamentação teórica, objeto de investigação, objetivos e método – tem um peso ético. Portanto, uma preocupação fundamental que esses estudos da linguagem têm em seu horizonte é responder eticamente à comunidade, considerando suas lutas históricas e os debates públicos em que ela está inserida.

2. ANÁLISE DIALÓGICA DO DISCURSO (ADD), LINGUÍSTICA APLICADA (LA) E DEBATES PÚBLICOS EM SALA DE AULA

Bakhtin ([1929] 2010)[7] considera que é preciso ir além das abstrações operacionalizadas pela linguística de base estruturalista/descritivista - legítimas, como destaca, para os propósitos dela -, e sustenta a necessidade de uma investigação que ultrapasse os limites desses estudos linguísticos: a metalinguística, que também costuma ser denominada "translinguística" (FARACO, 2009) ou "teoria/análise dialógica do discurso" (BRAIT, 2010). Como se pode perceber, existe uma flutuação terminológica, na crítica especializada, quanto à forma de nomear a ciência proposta por Bakhtin (2010). Apesar disso, os estudiosos da teoria dialógica entram em consenso no que respeita ao propósito do Círculo bakhtiniano: analisar a linguagem distintamente da forma como ela vinha sendo tratada do ponto de vista linguístico; visando ir além da perspectiva restritamente linguística. Daí advém o emprego dos prefixos prefixos *meta-* (de origem grega) e

[7] Quando fazemos menção, pela primeira vez, às obras seminais do Círculo bakhtiniano, apresentamos a data da publicação original, seguida da data da edição consultada.

Raído, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 14 | n. 36 | p. 355 – 377 | set/dez 2020

trans (de origem latina): ambos significam "além de", sinalizando o objetivo de transpor, com as pesquisas metalinguísticas, as investigações linguísticas (FIORIN, 2019).

Na visão bakhtiniana, tanto a linguística quanto a metalinguística se ocupam do discurso, definido como "[...] a língua em sua integridade concreta e viva [...]" (BAKHTIN, 2010, p. 207). Entretanto, elas se voltam para diferentes dimensões do fenômeno concreto, complexo e multifacetado que é o discurso (BAKHTIN, 2010). Embora Bakhtin (2010) sublinhe que a metalinguística pretenda ultrapassar os limites da linguística, ele, ao mesmo tempo, frisa que não desconsidera os resultados das pesquisas linguísticas, traçando uma relação de complementaridade – e não de oposição – entre as duas ciências.

Refinando seu objeto de estudo, Bakhtin (2010) assinala que a metalinguística analisa os enunciados, equivalentes às unidades de realização da comunicação discursiva, ou seja, a unidade metalinguística considerada básica da qual se parte para realizar as análises. O estudo dos enunciados é uma consequência direta do fato de que a teoria bakhtiniana privilegia o fenômeno da interação discursiva, a qual se dá por meio da produção e da compreensão de enunciações (VOLOCHÍNOV, 2013) entre sujeitos sócio-historicamente situados, sendo, portanto, constitutivamente dialógica. Dada a centralidade da noção em foco para o presente estudo, exploremos os traços característicos dos enunciados.

Para Bakhtin ([1979] 2011b), a integralidade de enunciados perfaz uma cadeia de comunicação discursiva de um dado campo de utilização da linguagem. Sempre que um sujeito profere um enunciado, ele toma parte em um diálogo, que demanda réplicas de seus participantes. Consequentemente, todo enunciado é constituído como uma resposta para enunciados anteriores e se torna "mote" para a construção de novos enunciados, que também o responderão. Esse caráter responsivo, por conseguinte, é estruturante das enunciações.

Ademais, tratando também das especificidades do enunciado, Volóchinov ([1930] 2013) destaca o fato de que, sempre que enuncia, o sujeito discursivo o faz a partir de um ponto de vista avaliativo. Em outras palavras, produzir um enunciado implica expressar um posicionamento apreciativo, a partir das entonações – avaliações sociais materializadas semioticamente -, das escolhas e das disposições dos signos, conforme assevera Volóchinov (2013).

Todo enunciado emerge da interrelação autor-destinatário: sempre parte de alguém (autor) e se dirige a alguém (destinatário), expressando a posição axiológica do primeiro e demandando a manifestação de um enunciado-resposta que demarque o posicionamento avaliativo do segundo, haja vista sua compreensão ativa e responsiva (VOLOCHÍNOV, [1929] 2017).[8] Na ótica de Volóchinov (2017, p. 232), a compreensão de uma enunciação é um processo no qual o destinatário adota uma postura ativa e formula uma resposta, de natureza avaliativa, em face do dizer que lhe foi endereçado: "Toda verdadeira compreensão é ativa e possui um embrião de resposta".

Além desse destinatário, Bakhtin (2011b) defende que todo enunciado se orienta

[8] Acreditou-se, por bastante tempo, que a obra Marxismo e filosofia da linguagem havia sido escrita por Bakhtin e por Volóchinov, como indica Faraco (2009). Entretanto, na atualidade, sabe-se que o referido trabalho é de autoria de Volóchinov. Para um debate mais detalhado sobre a autoria dos textos do Círculo bakhtiniano, consultar Faraco (2009).

para um superdestinatário, dotado de uma compreensão responsiva absolutamente justa, no sentido de fundamentar institucionalmente – na esfera jurídica, política, educacional, religiosa, etc. - determinado ponto de vista. Com efeito, essa função do terceiro da enunciação, em diferentes épocas e de acordo com concepções de mundo distintas, pode ser assumida por Deus, pela verdade absoluta, pelo julgamento da consciência humana, pelo povo, pelo julgamento da história, etc.

Bakhtin (2010), finalmente, elucida que sua metalinguística se ocupa das relações dialógicas e do discurso bivocal. Aquelas são um tipo particular de relações semânticas entre enunciações e entre discursos com base nas quais os sentidos dos enunciados concretos são (entre)tecidos; já este é uma modalidade discursiva constitutivamente heterogênea, dando a ver duas vozes[9], dois juízos sociais de valor, dois pontos de vista avaliativos sobre determinado tema. A esse propósito, vale lembrar que, na teoria bakhtiniana, "Voz se identifica com opinião, ideia, ponto de vista, postura ideológica" (BUBNOVA, 2011, p. 276).

A noção de gênero discursivo também é um outro conceito fundamental para se proceder a uma análise de base dialógica, sobretudo porque considera a dimensão internamente dialogizada e bivocalizada do enunciado concreto. O gênero corresponde, assim, a "[...] determinados tipos de enunciados estilísticos, temáticos e composicionais relativamente estáveis" (BAKHTIN, 2011b, p. 266). Segundo a teoria bakhtiniana, eles se definem enquanto fenômeno cultural que dá a ver modos de interação social e verbal que respondem a particularidades, a transformações, a vicissitudes, a contingências e a contradições específicas de determinadas esferas ideológicas[10]. Os gêneros indiciam, ademais, modos rotineiros, autorizados e criativos de interação social e verbal, pois eles "correspondem a situações típicas da comunicação discursiva" (BAKHTIN, 2011b, p. 293). São, enfim, um ponto de contato das práticas sociais com as condições de uma disposição/contingência históricas, organizado num material discursivo.

Nesse ponto do debate, torna-se conveniente fazer alguns apontamentos sobre a noção bakhtiniana de esfera/campo discursivo. Assim, para Grillo (2010), na obra de Bakhtin e do Círculo, apresenta-se uma discussão que considera complexos os fenômenos sociais, para cuja compreensão as noções de campo/esfera discursiva importam, porquanto "[...] dão conta da realidade plural da atividade humana ao mesmo tempo que se assentam sobre o terreno comum da linguagem verbal humana" (GRILLO, 2010, p. 147); além de tratar de questões concernentes às produções ideológicas, "que sofrem as coerções e adquirem um valor relativo no domínio em que são produzidas (literatura, ciência, religião, mídia, educação, etc.)" (GRILLO, 2010, p. 158).

A noção de esfera contribui para a validação de um entendimento crítico da constituição das interações humanas como mediadas ideologicamente, pois: "[...] é compreendida como um nível específico de coerções que, sem desconsiderar a influência da instância socioeconômica, constitui as produções ideológicas, segundo a lógica particular de cada esfera/campo" (GRILLO, 2010, p. 143). Em suma, algumas características da esfera discursiva, conforme Grillo (2010), são as seguintes: 1) sua especificidade

9 Para uma discussão sobre o conceito de voz na perspectiva bakhtiniana, ver Bubnova (2011) e Sipriano e Gonçalves (2017).

10 Para maiores detalhes a esse respeito, cf. Grillo (2010).

Raído, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 14 | n. 36 | p. 355 – 377 | set/dez 2020

coercitiva; 2) sua constituição semiótica; 3) seu estabelecimento na relação entre as diversas interações subjacentes na ideologia do cotidiano e as características dos sistemas ideológicos constituídos; e, por fim, 4) sua constituição orientada pela forma de apropriação da palavra alheia.

De fato, cada gênero do discurso está ligado a singularidades das esferas discursivas específicas em que as atividades humanas se desenvolvem. Nesse sentido, destaca-se que os enunciados – constituintes dos gêneros, a ponto de se confundirem com eles – "[...] refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo [...]" (BAKHTIN, 2011b, p. 261), e que cada esfera estabelece formas rotineiras, relativamente estáveis, de interação social e verbal. Essa relação entre gênero e esfera discursiva se define na medida em que:

> A riqueza e a diversidade dos gêneros são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana e porque em cada campo dessa atividade é integral o repertório de gêneros do discurso, que cresce e se diferencia à medida que se complexifica um determinado campo (BAKHTIN, 2011b, p. 262).

Então, vê-se que, quanto mais complexas forem as formas de organização das práticas sociais singulares de determinadas esferas, mais complexas serão as práticas discursivas que respondem a elas. Dessa forma, a heterogeneidade dos gêneros está associada à orientação deles para as condições da comunicação discursiva imediata (BAKHTIN, 2011b), o que, por sua vez, delineia-se de acordo com a relação entre os enunciados concretos e as experiências de vida/interações sociais. Conforme sumariza Bakhtin (2011b, p. 265), "a língua passa a integrar a vida através de enunciados concretos (que a realizam); é igualmente através de enunciados que a vida entra na língua".

Feitas essas observações atinentes à ADD, convém agora apontar os pontos de contato entre ela e LA[11]. Para tanto, destacamos cinco aspectos em comum entre as abordagens em foco, sendo o segundo, o terceiro e o quarto deles enumerados por Fabrício (2006) como elementos participantes da revisão que a LA, especificamente, tem operado em suas bases epistemológicas. São eles: i) exame da linguagem em uso; ii) concepção da linguagem como prática social; iii) rejeição da neutralidade do cientista; iv) exploração das múltiplas semioses do processo de construção do sentido na atualidade e iv) preocupação de ordem ética.

Conforme argumentamos na seção anterior, a LA intenta resolver problemas de uso da linguagem em contextos específicos, em que grupos marginalizados sofrem violências sociais. Isso também pode ser dito a respeito da ADD, em vista do foco desta sobre a historicidade da linguagem e, em especial, sobre a linguagem em uso, como assinala Stella (2012). A esse propósito, vale lembrar que "É na percepção das relações com o discurso do outro que se compreende a História que perpassa o discurso" (FIORIN, 2010, p. 40).

O segundo fator de convergência entre LA e ADD é o tratamento da linguagem como uma prática social. Fabrício (2006) afirma que tal compreensão implica atentar para a sociedade e para a cultura, que têm um papel duplo: tanto constituem a linguagem quanto são por ela constituídas. Levar em consideração aspectos sociais, históricos, culturais e contextuais também é uma condição das pesquisas metalinguísticas, já que

[11] Para uma discussão mais detalhada a esse respeito, cf. Silva (2016).

as próprias relações dialógicas são de natureza extralinguística (BAKHTIN, 2010). No tocante ao assunto, Brait e Melo (2012, p. 65) destacam que, na ótica bakhtiniana, a linguagem "[...] é concebida de um ponto de vista histórico, cultural e social que inclui, para efeito de compreensão e análise, a comunicação efetiva e os sujeitos e discursos nela envolvidos".

O terceiro ponto diz respeito à aceitação, por parte da LA, de que, como a pesquisa consiste numa prática social, ela não se caracteriza pela neutralidade, mas, sim, pela tomada de diversas escolhas ideológicas e políticas, que não podem fugir dos jogos e das relações de poder (FABRÍCIO, 2006). A identificação da pesquisa como uma atividade polêmica e política (MORSON; EMERSON, 2008), também faz parte das investigações em ADD, levando em conta que todo sujeito estabelece uma relação emocionalmente valorativa com o objeto de seu dizer (BAKHTIN, 2011b), inclusive, se tal objeto equivaler à linguagem enquanto material de estudo científico. Em outras palavras, o analista dialógico – bem como o linguista aplicado -, inescapavelmente, dá a ver seus posicionamentos políticos e ideológicos nos trabalhos que assina, de tal forma que a produção de conhecimento desinteressado se revela uma *contradictio in adjecto*.

O quarto aspecto, por seu turno, associa-se ao fato de que a LA precisa dar conta da multiplicidade de sistemas semióticos que caracterizam, na contemporaneidade, o processo de construção dos sentidos (FABRÍCIO, 2006). Esse desafio também é enfrentado pela ADD, cujas propostas, consoante observa Brait (2013), contribuem não para um estudo da linguagem verbal, em suas modalidades oral ou escrita, mas, sim, para uma investigação da linguagem em geral. A título de exemplificação, dentre as numerosas pesquisas que investigam enunciados verbo-visuais fundamentadas nas propostas do Círculo de Bakhtin, encontram-se as de Amaral (2017), de Gonçalves (2015), de Mota (2019), de Pontes (2016) e de Silva (2016).

O quinto fator concerne à dimensão ética, que, para Rajagopalan (2003b), é um traço característico de *todos* os estudos atinentes à linguagem. Como vimos, Moita Lopes (2006a) elenca a ética como um princípio norteador das pesquisas em LA, associando-a às conotações ideológicas e políticas que atravessam os trabalhos no referido campo, bem como ao compromisso do pesquisador com uma produção científica que vise dirimir as injustiças sociais. Já no que respeita à ADD, Silva (2013, p. 51) observa que, na filosofia do ato ético proposta por Bakhtin, "os enunciados estão sempre ligados a uma atividade humana, desempenhada por um sujeito que tem lugar na sociedade e na história, ou seja, um sujeito que sempre está em interação com outros sujeitos". O ato ético, portanto, é uma relação concreta - em oposição a qualquer concepção moralista abstrata - entre atitudes sociais mediadas por padrões de conduta relativamente estáveis, em cuja tensão seu sentido se produz. Podemos perceber esse componente ético, por exemplo, quando se defende a liberdade de expressão no tocante à disseminação de *fake news* sobre tratamentos de saúde não referendados pelas autoridades dos sistemas de saúde. Com efeito, um princípio abstrato de direito de defender/dizer algo está desprezando uma situação histórica concreta; nesta, a enunciação de *fake news* está associada a violências sociais, tais como o estímulo a condutas sociais perigosas para si e para os outros.

Logo, a ADD requer que o pesquisador assuma um papel ético-político de compromisso e de responsividade em suas investigações, reconhecendo que "as atividades

Raído, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 14 | n. 36 | p. 355 – 377 | set/dez 2020

intelectuais e/ou acadêmicas são atravessadas por idiossincrasias institucionais e, necessariamente, por uma ética que tem na linguagem e em sua implicação nas atividades humanas, seu objeto primeiro" (BRAIT, 2010, p. 10).

Em suma, tanto a LA quanto a ADD se encontram diante do desafio de pensar a linguagem em uso, como prática discursiva multissemiótica envolvida em problemas sociais práticos e contextuais, como tentamos fazer com nossa proposta de ensino de leitura. Para dar conta dessa realidade social multifacetada e em constantes transformações, as duas abordagens passam por sucessivas reinvenções e desaprendizagens, com a finalidade de se configurarem como conhecimentos científicos responsivos e éticos.

Por fim, convém ainda sublinhar que a ADD postula que a responsividade consiste numa condição de existência da linguagem e também dos sujeitos que a utilizam. De acordo com Bakhtin (2011b, p. 333, grifo do autor), "Para a palavra (e consequentemente para o homem) não existe nada mais terrível do que a *irresponsividade*". Na concepção de Bakhtin (2011a), viver implica fazer parte do diálogo, criar réplicas ao dizer de outrem, assumindo posicionamentos axiológicos. Assim, em função da demanda de respostas por partes dos sujeitos em interlocução típica da ADD, as propostas de Bakhtin e de seu Círculo podem contribuir, de modo decisivo, para a realização de debates públicos no ambiente escolar, criando um terreno fértil para a exploração de questões sociais e demandando que os participantes desse diálogo – professores, alunos e comunidade – adotem uma atitude responsiva diante dos problemas do mundo globalizado. Dedicamos a próxima seção para tratar desse tema.

3. LEITURA DIALÓGICA DAS FAKE NEWS E POSSÍVEIS CONTRIBUIÇÕES DA LINGUÍSTICA APLICADA (LA) E DA ANÁLISE DIALÓGICA DO DISCURSO (ADD) PARA O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA[12]

Em vista do que foi exposto, podemos concluir que outro ponto de contato entre a LA, compreendendo-a como perspectiva de crítica do uso da linguagem relacionado com problemas sociais, e a ADD, enquanto crítica do uso da linguagem delineado especificamente através de relações dialógicas, é o engajamento em lutas sociais. Dada sua dimensão emancipatória, a LA, busca, como notamos, rever seus fundamentos teórico-metodológicos, a fim de reorientar seus objetivos científicos para responder questões públicas importantes nas lutas sociais por justiça. A ADD, com efeito, intenta alargar o escopo dos estudos sobre a linguagem por meio do exame do discurso, do enunciado, das relações dialógicas e da bivocalidade, permitindo a reflexão e a ação sobre problemas sociopolíticos-discursivos situados historicamente.

Para lançar luz sobre essa postura crítica da LA e da ADD diante de lutas sociais e para as contribuições que tais perspectivas podem dar à escola, nesta seção da pesquisa, realizamos uma análise de um exemplar de *fake news* com base na teoria dialógica, compreendendo-o como um enunciado concreto. Também fazemos observações

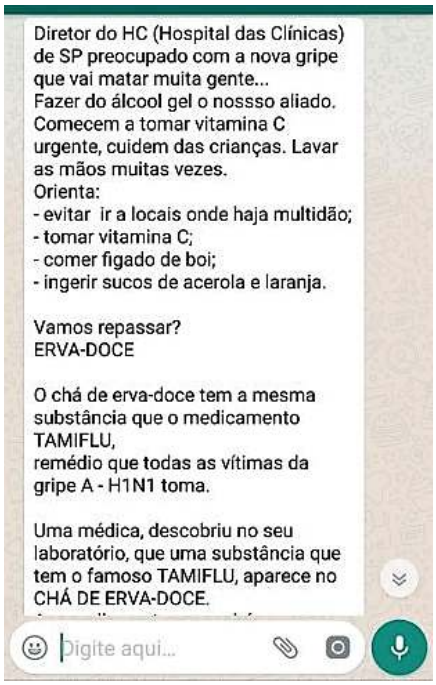
[12] Pensamos aqui nas aulas de compreensão e de produção de textos em língua portuguesa para alunos do Ensino Médio, mas as reflexões feitas no presente estudo, com os devidos ajustes, poderiam também ser extensivas às séries do Ensino Fundamental, bem como poderiam ser ampliadas para outras disciplinas do Ensino Básico, como, por exemplo, a de história.

atinentes às lutas sociais em torno da prática discursiva das *fake news*, que corresponde a uma rede de notícias com conteúdos falsos, de circulação massiva na contemporaneidade, principalmente nas mídias sociais, tais como o *WhatsApp* e o *Facebook*. Nesse contexto, as propostas da LA e da ADD possibilitam investigar criticamente, do ponto de vista dos que sofrem as violências sociais, os discursos de múltiplos gêneros que circulam na sociedade; bem como vislumbrar formas transformadoras de ensino de língua portuguesa.

A análise que realizamos nessa seção é guiada pelos seguintes parâmetros metodológicos: descrição interpretativa das peculiaridades das condições sócio-históricas em que esse exemplar de *fake news* surgiu; análise da materialidade linguístico-discursiva do enunciado em questão; exame das relações dialógicas que essa enunciação estabelece.

Abaixo, na Figura 1, reproduzimos o exemplar de fake news elencado como nosso objeto de análise:

Figura 1: Exemplar de *fake news*.



Fonte: Extraído de Site Saúde Abril[13]

Inicialmente, é preciso considerar as condições de produção deste enunciado concreto: sabe-se que esse rumor foi repassado por e para usuários de redes sociais no contexto da H1N1 (gripe suína), um surto viral ocorrido no ano de 2009.[14] Contudo, tal boato foi "ressuscitado" no ano de 2020, no contexto da pandemia do novo coronavírus

[13] Disponível em: https://saude.abril.com.br/blog/e-verdade-ou-fake-news/cha-de-erva-doce-cura-a-gripe-e-boato/ Acesso em: 04 abr. 2020.

[14] Disponível em: https://saude.abril.com.br/blog/e-verdade-ou-fake-news/cha-de-erva-doce-cura-a-gripe-e-boato/ Acesso em: 04 abr. 2020.

Raído, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 14 | n. 36 | p. 355 – 377 | set/dez 2020

(COVID-19).[15] A imagem apresentada acima corresponde a um congelamento de tela do aplicativo *WhatsApp*.

O enunciado, então, *aparenta* evocar uma voz de autoridade – a do diretor do hospital das clínicas de São Paulo, agente esse não nomeado -, segundo a qual o chá de erva-doce teria a mesma composição química do Tamiflu, o medicamento indicado para o tratamento das pessoas acometidas pelo vírus da Influenza A, causador da H1N1. Na mensagem, não consta nenhuma fonte das informações repassadas, e o suposto discurso do diretor do hospital – transmitido indiretamente pelo autor da mensagem **-** tampouco faz menção a quaisquer estudos científicos que embasem as afirmações feitas.

Nesse sentido, é importante identificar que a enunciação em foco é, então, constituída por um discurso bivocal: com as supostas palavras do diretor, reportadas pelo autor da mensagem, e com as do próprio autor. Convém perceber que o pretenso discurso do diretor não é transmitido de forma direta **-** já que não há sinais gráficos, como aspas e travessão, separando as vozes dos enunciadores -, mas de modo indireto. Embora se saiba que o espaço de circulação dessa notícia, o *WhatsApp*, não seja caracterizado pelo emprego da variante formal do português, destacamos que essas circunstâncias enunciativas – não nomeação do agente, não apontamento de estudos científicos sobre o assunto, transmissão indireta de um suposto discurso oficial da área da saúde **-** abrem a possibilidade de questionamento sobre a veracidade das informações que se pretendem oficiais.

Também devemos considerar que, nesse enunciado concreto, ecoam outros enunciados já proferidos e que, com ele, criam-se condições de responsividade para que novos enunciados sejam criados. Assim, o usuário que compartilha tal *post* nas plataformas virtuais de comunicação está se inscrevendo em uma rede de significados que admitem como plausíveis, por exemplo, práticas como a da automedicação, a qual, por sua vez, é cientificamente contraindicada, sendo alvo de discussão no âmbito do discurso da área da saúde[16], em linhas gerais, e de contestação pelo discurso médico oficial, em particular. Note-se que a índole falsa da informação não se constitui por sugerir o consumo de chá, mas por, num contexto de pandemia, em que institucionalmente se requer da sociedade cuidados com a automedicação, fazer uma associação indevida entre discurso oficial e automedicação, entre fórmula farmacológica e medicina popular. Por extensão, o material tanto induz o interlocutor a admitir que haja fundamento no discurso oficial em sua constituição, quanto negligencia alguns protocolos sociais sobre o tratamento da COVID-19.

Assim, dialogicamente, esse exemplar de *fake news*, enquanto enunciado concreto, coloca em confronto posturas sociais e discursivas contraditórias: a do discurso oficial da área da saúde, a do discurso não oficial da medicina popular e a dos discursos de diversos usuários de redes sociais, desde aqueles mais ou menos familiarizados com esse debate público até os engajados nas disputas políticas subjacentes e os indiferentes a

15 De acordo com o que informa o portal da Fiocruz: "Desde o início de fevereiro, a Organização Mundial da Saúde (OMS) passou a chamar oficialmente a doença causada pelo novo coronavírus de Covid-19. COVID significa COrona VIrus Disease (Doença do Coronavírus), enquanto "19" se refere a 2019, quando os primeiros casos em Wuhan, na China, foram divulgados publicamente pelo governo chinês no final de dezembro. A denominação é importante para evitar casos de xenofobia e preconceito, além de confusões com outras doenças". Disponível em: https://portal.fiocruz.br/pergunta/por-que-doenca-causada-pelo-novo-virus-recebeu-o-nome-de-covid-19 Acesso em: 12 abr. 2020.

16 Cf. o editorial da Revista da Associação Médica Brasileira, disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-42302001000400001 Acesso em: 04 abr. 2020.

ele. O discurso não oficial da medicina popular, a despeito de sua legitimidade, pode ser utilizado em algumas situações enunciativas como fomentador de atitudes imprudentes, baseadas na disseminação de condutas sociais estouvadas. Por consequência, certos enunciados proferidos de forma irresponsável podem se nutrir de práticas sociais ligadas aos saberes populares para transmitir inverdades. Esse é o caso do exemplar analisado aqui, no qual o uso de ervas para a feitura de chás, comumente ligado ao alívio do mal-estar, promete ser uma "cura milagrosa" para as vítimas da H1N1.

Também é conveniente sublinhar que uma abordagem crítica das *fake news* - problema social em que a linguagem é usada e, portanto, possível objeto de estudo da LA e da ADD - como a que discutimos aqui, permite a formulação de respostas contundentes sobre a relevância de não se admitir de forma passiva o que é veiculado nas redes sociais. Esses horizontes sociais de disputas entre a "verdade" de discursos que circulam na sociedade, inclusive, criam um clima paranoico em que as pessoas não sabem o que fazer e nem onde encontrar orientações confiáveis. Dessa forma, uma atmosfera pública de desconfiança e de histeria é constituída, na qual relações abusivas de poder são facilmente reproduzidas.

Em vista disso, recorrer às *fake news* para gerar debates públicos em sala de aula pode se revelar um exercício interessante, capaz de tornar o ambiente escolar um espaço para o diálogo sobre temas polêmicos, como a relação dialógica entre o discurso da área da saúde e o da medicina popular, por exemplo. A LA e a ADD oferecem subsídios teóricos para ancorar uma reflexão sobre os enunciados, levando em consideração tanto sua dimensão dialógica quanto os aspectos sociais, históricos, culturais e ideológicos que atuam de forma decisiva no processo de construção dos sentidos.

No que concerne ao tema, também vale perceber que, em certa medida, as próprias redes sociais se organizam de maneira a perpetrar marginalizações sociais. Embora se admita que vivamos na era da informação e que estejamos todos conectados, a qualidade dessa informação e dessa conexão é bastante questionável. Atesta-o, por exemplo, o fato de que, segundo os dados de uma pesquisa sobre o assunto publicados no site da Agência Brasil, mais de 30% da população brasileira não possui acesso à internet.[17] Já os que a utilizam o fazem, quase unanimemente, para explorar *sites* de relacionamento, sobretudo aplicativos de intercâmbio de mensagens de texto, como o *WhatsApp*.[18] Não se pode desconsiderar que essas plataformas estão "irmanadas" de modo profundo com o mercado, tornando-se, assim, um lugar em que divulgações publicitárias são mais bem-vindas do que discussões sobre problemas sociais.

Logo, a internet, uma ferramenta que poderia democratizar o acesso a direitos civis, sociais e políticos, ao estimular, por exemplo, políticas públicas de estímulo ao conhecimento de instituições de defesa do consumidor, tais como a Delegacia do Consumidor (DECON), o Programa de Proteção e Defesa do Consumidor (PROCON) ou o Banco Central do Brasil (BACEN); serve mais à divulgação de novos serviços, dentre os quais se sobressaem o *delivery* de produtos via aplicativos e as operações bancárias *on-line*. Diante disso, as classes sociais fragilizadas, de um lado, não conseguem

17 Cf. a matéria do site Agência Brasil, disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2018-07/mais-de-um-terco-dos-domicilios-brasileiros-nao-tem-acesso-internet>. Acesso em: 04 abr. 2020.

18 Cf. a matéria no site Agência de notícias IBGE, disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/23445-pnad-continua-tic-2017-internet-chega-a-tres-em-cada-quatro-domicilios-do-pais>. Acesso em: 04 abr. 2020.

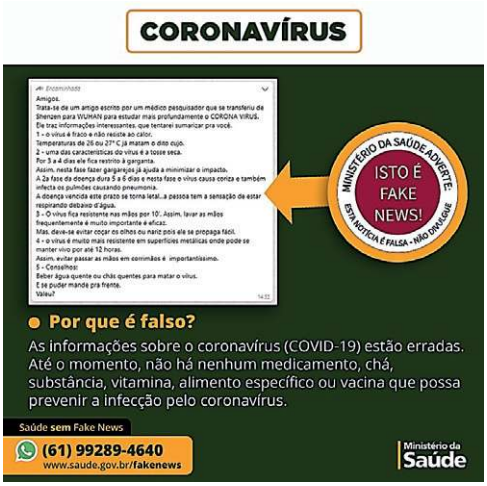
Raído, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 14 | n. 36 | p. 355 – 377 | set/dez 2020

proteção jurídica, pois não têm acesso aos órgãos competentes e, de outro, ficam mais vulneráveis aos assédios do sistema capitalista.

Desse modo, o enunciado concreto estudado implica tomadas de posição numa esfera social sobre dado problema – uso "milagroso" dos saberes populares no combate a um vírus e, por conseguinte, prática da automedicação num contexto de pandemia -, quer isso se dê de modo deliberado ou não. Isto é, quer sejam posicionamentos ingênuos, como compartilhar a informação sem verificar as fontes dela; quer sejam posicionamentos tolos, como compartilhar a informação simplesmente para "causar" (chamar a atenção); quer sejam posicionamentos "cínicos", como compartilhar a informação para gerar tumulto, para, valendo-nos de um termo corrente em redes sociais, *trollar*, isto é, debochar das pessoas; quer sejam posicionamentos mercadológicos e eleitoreiros, como compartilhar a informação como estratégia comercial, a serviço de interesses capitalistas e políticos.

Com efeito, compartilhar *fake news* não deixa de ser um ato de autoria, uma vez implica a assunção de posturas sociodiscursivas que endossam relações sociais, como as que vínhamos discutindo. Isso porque o compartilhamento cria uma rede de relações de sentido, que são/geram respostas, num grande circuito de responsividade. As várias *fake news*, produzidas em escala industrial[19] e compartilhadas ingênua, tola, cínica, comercial e politicamente, como discutimos logo acima, desencadearam, durante a pandemia do coronavírus, diversos atos-respostas, especialmente do Ministério da Saúde[20], que mobilizou, em seu site, uma campanha para avaliar a veracidade das mensagens de texto sobre a infecção por COVID-19. A imagem que reproduzimos abaixo, na Figura 2, foi retirada da referida página:

Figura 2: Campanha do Ministério da Saúde contra o compartilhamento de *fake news* sobre o coronavírus.



Fonte: Extraído do Site do Ministério da Saúde[21]

19 Cf. a notícia no site da Universidade de Campinas (UNICAMP), disponível em: <https://www.unicamp.br/unicamp/noticias/2019/11/26/industria-das-fake-news-entrega-verdades-sob-medida-aos-seus-consumidores>. Acesso em: 04 abr. 2020.

20 Cf. a matéria no site do Ministério da Saúde, disponível em: <https://www.saude.gov.br/fakenews>. Acesso em: 04 abr. 2020.

21 Disponível em: https://www.saude.gov.br/fakenews Acesso em: 27 jul. 2020.

Como a imagem não está bastante legível, reproduzimos abaixo o texto tal como consta na mensagem, ou seja, sem corrigir suas inadequações gramaticais:

Amigos,

Trata-se de um artigo escrito por um médico pesquisador que se transferiu de Shenzen para WUHAN para estudar mais profundamente o CORONA VÍRUS.

Ele traz informações interessantes, que tentarei sumarizar pra você.

1 – o vírus é fraco e não resiste ao calor.

Temperaturas de 26 ou 27°C já matam o dito cujo.

2 – uma das características do vírus é a tosse seca.

Por 3 a 4 dias, ele fica restrito à garganta.

Assim, nesta fase fazer gargarejos já ajuda a minimizar o impacto.

A segunda fase da doença dura 5 a 6 dias e nesta fase o vírus causa coriza e também infecta os pulmões causando pneumonia.

A doença vencida este prazo se torna letal... a pessoa tem a sensação de estar respirando debaixo d'água.

3 – o vírus fica resistente nas mãos por 10'. Assim, lavar as mãos frequentemente é muito importante é eficaz. Mas, deve-se evitar coçar os olhos ou nariz pois ele se propaga fácil.

4 – o vírus é muito mais resistente em superfícies metálicas onde pode se manter vivo por até 12 horas.

Assim, evitar passar mãos em corrimãos é importantíssimo.

5 – Conselhos:

Beber água quente ou chás quentes para matar o vírus.

E se puder mande pra frente.

Valeu?

Este enunciado compõe-se da exposição de um exemplar de *fake news*, do comentário do Ministério da Saúde sobre a falsidade das informações sobre o coronavírus e da assinatura de autoridade do referido órgão. Ademais, ele possui o propósito comunicativo de promover o esclarecimento da população, para que esta possa proteger melhor a si mesma e à sociedade como um todo. Inclusive, vale apontar que a reflexão sobre as reações dos órgãos oficiais diante das *fake news* podem suscitar estudos bastante pertinentes para a devida compreensão do uso estratégico da prática de disseminação de inverdades e para a elaboração de práticas de resistência contra os usos políticos, criminosos e irresponsáveis relacionados às notícias falsas que circulam nas redes sociais.

Outros enunciados foram produzidos em resposta à disseminação de *fake news* sobre a COVID-19, dentre os quais podemos citar a notícia sobre como reconhecer essa prática discursiva assinada pela revista Guia da Farmácia[22] ou a notícia relativa a

22 Cf. a matéria no site Guia da farmácia, disponível em: <https://guiadafarmacia.com.br/coronavirus-o-que-e-fake-news-e-o-que-e-verdade-sobre-a-transmissao-da-doenca/>. Acesso em: 04 abr. 2020.

Raído, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 14 | n. 36 | p. 355 – 377 | set/dez 2020

como se proteger de golpistas, que se aproveitam do medo das pessoas de ficarem sem dinheiro no contexto da pandemia, apresentada na página do jornal O Globo.[23]

Pensando nessa cadeia contínua de responsividade de maneira mais abrangente, podemos citar como resposta ao fenômeno da circulação de notícias falsas a própria abordagem delas no âmbito escolar. Como as *fake news*, na contemporaneidade, são: i) um problema social associado ao uso concreto da linguagem; ii) materiais que podem ser compostos por diferentes dimensões da linguagem; iii) uma prática discursiva na qual enunciadores expressam, a partir de seu lugar socioideológico, seu ponto de vista sobre dado assunto; consideramos que as tratar na escola, com base nas contribuições da LA e da ADD, gerando debates públicos, seria uma atividade potencialmente crítica.

Logo, a nosso ver, como síntese de nossa discussão, destacamos que o encontro entre os princípios teórico-metodológicos da LA e da ADD permite-nos pensar em uma *Linguística Aplicada Dialógica*. Dessa forma, refletir sobre as *fake news* no contexto da sala de aula à luz da LA dialógica - uma proposta orientada pela assunção de uma atitude responsiva, por parte dos interagentes do processo de comunicação discursiva, e pela adoção de uma postura ética, visando à formação cidadã - poderia atuar no sentido dos diversos empreendimentos de renovação da maneira como compreendemos os fenômenos relativos à linguagem, contribuindo também para a construção de uma nova "roupagem" para o processo de ensino e aprendizagem de língua portuguesa. Isso porque permitiria uma leitura dos textos, de modo a perceber que seus sentidos e seus efeitos de sentido resultam da articulação entre fatores extralinguísticos de ordem dialógica; ao invés de se deter num estudo de seus aspectos exclusivamente linguísticos.

Resta, ainda, fazermos algumas considerações sobre a expressão "Linguística Aplicada Dialógica". Assim, percebermos que, devido ao seu interesse no exame de problemas sociais concernentes às violências do mundo globalizado e nas possibilidades de superação deles, muitas pesquisas em LA se voltam para a defesa da sua *vocação* epistemológica e ontológica engajada e para a crítica das relações de poder, operações essas que são inegavelmente necessárias. Em se tratando especificamente da escola, podemos observar que sólidas linhas de pesquisa acerca da formação de professores, dentro do escopo da LA, já estão bastante desenvolvidas, o que também é importantíssimo. Por isso, gostaríamos de refletir a respeito da possibilidade de ampliação dos trabalhos sobre como o docente pode organizar suas aulas, a fim de se inserir no debate sobre as violências históricas que os grupos marginalizados sofrem.

Nesse sentido, conforme argumentamos no artigo, cremos ser fundamental contribuir com mais estudos inscritos dentro dessa *virada dialógica* da LA, já que a orientação metodológica da ADD permite operacionalizarmos concretamente análises discursivas em atividades escolares; de maneira a contemplar tanto as necessidades curriculares de estudo da língua materna, quanto as de "formação da pessoa, de maneira a desenvolver valores e competências necessárias à integração de seu projeto individual ao projeto da sociedade em que se situa" (BRASIL, 2000, p. 10). Essa contribuição pode se efetivar ao se desenvolver a perspectiva da LA dialógica, que alia os princípios

23 Cf. a reportagem no site do jornal O Globo, disponível em: <https://oglobo.globo.com/economia/defesa-do-consumidor/saiba-como-se-proteger-de-golpes-na-internet-em-tempos-de-coronavirus-24325868>. Acesso em: 04 abr. 2020.

éticos de intervenção nos problemas sociais contemporâneos da LA - os quais dialogam, fundamentalmente, com a dimensão ética da ADD - com as discussões práticas da vida escolar, sob um viés dialógico; a fim de oferecer um aporte teórico-metodológico para a construção de propostas escolares críticas do mundo globalizado, a serem aplicadas na vida concreta da sala de aula.

Sustentamos, portanto, que uma LA dialógica pode orientar as práticas escolares, a fim de promover a escola enquanto lugar de formação cidadã, em que podem ser discutidas formas de superar problemas sociais que afligem minorias; mobilizando, para tanto, a comunidade escolar e a extraescolar. Vislumbrada essa possibilidade de análise das *fake news*, podemos, agora, passar para a exposição de nossas considerações finais.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do que vínhamos discutindo, podemos aventar que a ADD e LA podem contribuir para uma renovação do ensino de língua portuguesa, permitindo a realização de atividades, com questões como as discutidas nesse artigo, que auxiliem na compreensão de que os textos - identificados como enunciados concretos - marcam-se pela circulação de discursos da sociedade nos quais ecoam outros discursos; demarcam uma posição avaliativa diante de determinado problema; geram respostas variadas e mobilizam interações com diversos destinatários.

Conforme vimos, as *fake news*, como a que analisamos aqui, promovem a desinformação e geram um estado de histeria social. As referidas práticas discursivas respondem outros discursos, os quais, por sua vez, podem ou não endossar práticas saudáveis. No caso em análise, avaliamos a relação de sentido entre o discurso oficial da área da saúde e o discurso da medicina popular no tocante à questão da automedicação; além de refletirmos sobre a recepção ingênua de informações veiculadas nas redes sociais, destituídas de fundamentação em fontes de autoridade. Percebemos, ainda, que o exemplar de *fake news* analisado reclama por respostas. Dentre elas, pudemos elencar o posicionamento de uma instituição valorizada socialmente, o da voz de autoridade do Ministério da Saúde, que rechaça a divulgação de inverdades atinentes ao coronavírus.

Essas relações sociais e discursivas que determinam de maneira acentuada os destinos da sociedade devem ser debatidas publicamente, a fim de se garantir condições objetivas de superação de problemas sociais. Nesse sentido, encorajamos a possibilidade de a escola intervir eticamente, para evitar a disseminação irresponsável de informações falsas, que, por sua vez, são compartilhadas tanto de modo ingênuo como de maneira estratégica, ligada, nesse último caso, aos interesses de certos grupos hegemônicos. É possível, portanto, que a instituição escolar oriente suas aulas para o debate cidadão sobre como as *fake news* são perniciosas numa sociedade em que as práticas são modeladas pela globalização e pelas próprias redes sociais, que, com frequência, atuam com o propósito de manter relações de exploração. Em nossa análise, percebemos isso devido ao fato de que as *fake news* fomentam a construção de um clima de insegurança generalizada e o estabelecimento de relações autodestrutivas, que colocam em risco diversas vidas.

Esse debate cidadão pode ser pensado a partir da LA dialógica, a qual, através da autoconscientização da comunidade escolar, tem a possiblidade de promover a

Raído, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 14 | n. 36 | p. 355 – 377 | set/dez 2020

transformação da escola num lugar dialógico de realização de grandes debates públicos; através dos quais podem ser desenvolvidas táticas de superação de questões históricas, como, por exemplo, a desinformação. Portanto, a escola pode promover - com a discussão das vicissitudes discursivas de enunciados concretos que circulam socialmente e se relacionam com problemas sociais - importantes debates públicos com os alunos, diretamente, e com a comunidade extraescolar, indiretamente, de forma que tais reflexões ultrapassem os muros escolares e cheguem ao *shopping,* à praça, em suma, aos ambientes frequentados pelos estudantes. Um caminho para isso seria o estudo, com base em uma abordagem metalinguística, dos textos como enunciados, buscando contemplar os fatores extralinguísticos – sociais, culturais, históricos e contextuais – a partir dos quais esses materiais geram sentidos.

A esse propósito, cumpre esclarecer que não afirmamos que a escola seja detentora de um saber privilegiado e que sujeitos sociais que entram em contato com ela devem adquiri-lo tão somente para melhorar suas vidas. Argumentamos que a referida instituição tem o potencial de se tornar um lugar de construção crítica de saberes, os quais, aliados aos interesses e aos conhecimentos dos diversos grupos sociais, podem transformar realidades violentas e excludentes. Essa aliança se faria com base em um diálogo no qual os conhecimentos e os interesses de cada grupo seriam levados em consideração, indo de encontro às violências que os setores marginalizados sofrem.

Assim, afirmamos que a escola é um lugar legítimo de produção de conhecimento que deve ser reconhecido, por questões de qualidade histórica e acadêmica, sobretudo em face da vigilância contra informações falsas e irresponsáveis e contra formas academicamente não rigorosas de produção de conhecimento, como as massificadoras, utilizadas por grupos hegemônicos reacionários interessados na concentração de renda e na manutenção de poderes simbólicos. Devido a isso, a instituição escolar deve acolher práticas de leitura que contemplem a problematização de práticas discursivas escusas. É importante fazer esse destaque porque, na contemporaneidade, há uma espécie de guerra promovida por setores conservadores da sociedade contra a legitimidade dos conhecimentos escolares, acadêmicos e científicos em geral, na qual as *fake news* são uma das principais "armas" utilizadas por aqueles.

Em vista do que foi exposto ao longo do artigo, a LA dialógica se sobressai como uma alternativa para pensar, no ambiente escolar, problemas sociais associados ao uso concreto da linguagem, em suas múltiplas semioses, em práticas discursivas engendradas na interrelação entre sujeitos. O apoio nessa proposta poderia beneficiar a escola, na medida em que tornaria possível a substituição de um modelo escolar alheio aos problemas sociais por um modelo escolar de base interventora/engajada nos problemas sociais. Por consequência, a LA dialógica consiste numa forma de produzir conhecimentos científicos responsivos e éticos, gerando condições para que os estudantes respondam/assumam uma posição transformadora diante de práticas discursivas como as *fake news*, por exemplo.

REFERÊNCIAS

ALVES, B. F. **Uma análise bakhtiniana sobre a responsividade em práticas de letramento na associação de catadores de materiais recicláveis em Bom Jesus Sul, Limoeiro do Norte, Ceará.** 2017. 329 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) **-** Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2015. Disponível em: http://www.uece.br/posla/wp-content/uploads/sites/53/2020/01/TESE_BENEDITO-FRANCISCO-ALVES.pdf Acesso em: 13 abr. 2020.

AMARAL, M. R. S. **Análise dialógica dos signos ideológicos verbo-visuais em poesias da obra n.d.a., de Arnaldo Antunes**. 2017. 218 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) **-** Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2018. Disponível em: http://www.uece.br/posla/wp-content/uploads/sites/53/2019/11/Dissertac%CC%A7a%CC%83o-Marcos-Roberto-dos-Santos-Amaral.pdf Acesso em: 13 abr. 2020.

BAKHTIN, M. O problema do texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas. In: ____. **Estética da criação verbal**. 6. ed. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011a [1979], pp. 307-335.

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: ____. **Estética da criação verbal**. 6. ed. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011b [1979], pp. 261-306.

BAKHTIN, M. **Problemas da Poética de Dostoiévski**. 5. ed. Tradução de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010 [1929].

BRAIT, B. Análise e teoria do discurso. In: ____. (org.). **Bakhtin:** outros conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2010, pp. 9-31.

BRAIT, B. Olhar e ler: verbo-visualidade em perspectiva dialógica. **Bakhtiniana**, v. 8, n. 2, pp. 43-66, 2013.

BRAIT, B.; MELO, R. Enunciado/enunciado concreto/enunciação. In: BRAIT, B. (org.). **Bakhtin:** conceitos-chave. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2012, pp. 61-78.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** Ensino Médio. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/blegais.pdf>. Acesso em: 14 abr. 2020.

BUBNOVA, T. Voz, sentido e diálogo em Bakhtin. **Bakhtiniana**, v. 16, n. 1, pp. 268-280, 2011.

FABRÍCIO, B. F. Linguística aplicada como espaço de "desaprendizagem": redescrições em curso. In: MOITA LOPES, L. P. (org.). *Por uma linguística aplicada INdisciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006, pp. 45-65.

FIORIN, J. L. Categorias de análise em Bakhtin. In: PAULA, L.; STAFUZZA, G. (orgs.). **Círculo de Bakhtin:** diálogos in possíveis. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2010, pp. 33-48.

FIORIN, J. L. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. 2. ed. São Paulo: Ática, 2019.

FARACO, C. A. *L***inguagem & diálogo:** as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin. Curitiba: Criar Edições, 2009.

Raído, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 14 | n. 36 | p. 355 – 377 | set/dez 2020

FREIRE, J. L. *Uma análise círculobakhtiniana do estilo e da responsividade em propaganda antiviolência sexual infanto-juvenil:* o caso da campanha publicitária da Childhood Brasil. 2015. 146 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) - Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2015. Disponível em: http://www.uece.br/posla/wp-content/uploads/sites/53/2019/11/Janaina_Lisboa_Dissertac%CC%A7a%CC%83o.pdf Acesso em: 13 abr. 2020.

GONÇALVES, J. B. C.; AMARAL, M. R. S. Análise dialógica do discurso orientada para o texto: o dialogismo interno e a bivocalidade no poema ela e você, de Arnaldo Antunes. *Letras em Revista*, v. 8, n. 1, pp. 137-159, 2017.

GONÇALVES, L. E. Q. *Quem vê capa não vê coração:* um olhar bakhtiniano sobre a construção de sentidos da imagem dos evangélicos em capas da revista Veja. 2015. 127 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2015. Disponível em: http://www.uece.br/posla/wp-content/uploads/sites/53/2019/11/Laryssa-E%CC%81rika-Queiroz.pdf Acesso em: 13 abr. 2020.

GRILLO, S. V. C. Esfera e campo. In: BRAIT, B. (org.). *Bakhtin:* outros conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2010, pp. 133-160.

GUEDES, I. L. *Marcha das Vadias como resposta carnavalizada do feminismo:* uma análise bakhtiniana de uma campanha fotográfica. 2015. 173 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2015. Disponível em: http://www.uece.br/posla/wp-content/uploads/sites/53/2019/11/DISSERTAC%CC%A7A%CC%83O-Indira-Lima-Guedes.pdf Acesso em: 13 abr. 2020.

MACHADO, I. Texto como enunciação: a abordagem de Mikhail Bakhtin. *Língua e Literatura*, n. 22, pp. 89-105, 1996.

MOITA LOPES, L. P. Afinal, o que é linguística aplicada? In: ____. (org.). *Oficina de linguística aplicada:* a natureza social e educacional dos processos de ensino/aprendizagem de línguas. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1996, pp. 17-24.

MOITA LOPES, L. P. Da aplicação de Linguística à Linguística Aplicada Indisciplinar. In: PEREIRA, R. C.; ROCA, P. (orgs.). *Linguística Aplicada:* um caminho com diferentes acessos. São Paulo: Editora Contexto, 2011, pp. 11-24.

MOITA LOPES, L. P. A transdiciplinaridade é possível em linguística aplicada? In: SIGNORINI, I.; CAVALCANTI, M. (orgs.). *Linguística Aplicada e transdisciplinaridade:* questões e perspectivas. Campinas: Mercado de Letras, 1998, pp. 101-126.

MOITA LOPES, L. P. Linguística aplicada e vida contemporânea: problematização dos construtos que têm orientado a pesquisa. In: ___. (org.). *Por uma linguística aplicada INdisciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006a, pp. 85-107.

MOITA LOPES, L. P. Introdução: uma linguística aplicada mestiça e ideológica: interrogando o campo como linguista aplicado. In: ___. (org.). *Por uma linguística aplicada INdisciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006b, pp. 13-44.

MORSON, G. C.; EMERSON, C. *Mikhail Bakhtin:* criação de uma prosaística. Tradução de Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

MOTA, N. V. *Análise dialógica da carnavalização e da (im)polidez na construção de sentidos no filme Alexandre e outros heróis*. 2019. 202 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) - Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2019. Disponível em: http://www.uece.br/posla/wp-content/uploads/sites/53/2020/01/DISSERTA%C3%87%C3%83O_NATHALIA-VIANA-DA-MOTA.pdf Acesso em: 13 abr. 2020.

PENNYCOOK, A. Uma Linguística Aplicada Transgressiva. In: MOITA LOPES, L. P. (org.). *Por uma linguística aplicada INdisciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006, pp. 67-84.

PONTES, M. S. *Uma abordagem bakhtiniana da (re)construção de sentidos do ser feminino nas campanhas publicitárias #LikeAGirl e #ShineStrong*. 2016. 117 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) - Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2016. Disponível em: <http://www.uece.br/posla/wp-content/uploads/sites/53/2019/11/MARI%CC%81LIA-SILVA-PONTES-1.pdf Acesso em: 13 abr. 2020.

RAJAGOPALAN, K. Por uma linguística crítica. In: ___. *Por uma linguística crítica*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003a, pp. 123-128.

RAJAGOPALAN, K. Repensar o papel da linguística aplicada. In: MOITA LOPES, L. P. (org.). *Por uma linguística aplicada INdisciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006, pp. 149-168.

RAJAGOPALAN, K. Sobre a dimensão ética das teorias linguísticas. In: ___. *Por uma linguística crítica*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003b, pp. 49-56.

SANTOS, I. X. *De dentro para fora:* um olhar bakhtiniano sobre a representação da face discursiva da pessoa com Síndrome de Down na exposição Inside Out. 2018. 146 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) - Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2018. Disponível em: http://www.uece.br/posla/wp-content/uploads/sites/53/2019/11/DISSERTAC%CC%A7A%CC%83O_INGRID-XAVIER-DOS-SANTOS.pdf Acesso em: 13 abr. 2020.

SILVA, T. R. *A reexistência da periferia em letramentos de jovens MCs:* uma análise de signos ideológicos nos jogos de linguagem do rap. 2018. 170 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) - Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2018. Disponível em: http://www.uece.br/posla/wp-content/uploads/sites/53/2019/11/DISSERTAC%CC%A7A%CC%83O_TATIANE-RODRIGUES-DA-SILVA.pdf Acesso em: 13 abr. 2020.

SILVA, E. G. *Análise do discurso carnavalizado na narrativa fílmica de animação Valente:* "Eu decidi fazer o que é certo e... quebrar a tradição". 2016. 172 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) - Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2016. Disponível em: http://www.uece.br/posla/dmdocuments/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20Elayne%20G.%20Silva.pdf Acesso em: 09 abr. 2020.

SILVA, A. P. P. F. Bakhtin. In: OLIVEIRA, L. A. (org.). *Estudos do discurso:* perspectivas teóricas. São Paulo: Parábola, 2013.

SIPRIANO, B. F.; GONÇALVES, J. B. C. O conceito de vozes sociais na teoria bakhtiniana. *Diálogos*, v. 5, n. 1, pp. 60-80, 2017.

STELLA, P. R. Palavra. In: BRAIT, B. (org.). *Bakhtin:* conceitos-chave. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2012, pp. 177-190.

VOLOCHÍNOV, V. A construção da enunciação. In: ___. *A construção da enunciação e outros ensaios*. Tradução de João Wanderley Geraldi. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013 [1930], pp. 157-188.

VOLÓCHINOV, V. *Marxismo e filosofia da linguagem:* problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017 [1929].

Recebido em 14/04/2020
Aceito em 23/09/2020